

Quem somos?

● O Comité Operário Internacional contra a guerra e a exploração, pela Internacional Operária (COI) constituiu-se na Conferência Mundial de Mumbai (Índia) que juntou, entre os dias 19 e 21 de Novembro de 2016, delegados de 28 países.

● O COI constituiu-se com base no Manifesto de Mumbai contra a guerra, a exploração e o trabalho precário, manifesto que teve a adesão de militantes operários e responsáveis de organizações políticas e sindicais de 46 países (*)

● O Comité de Acompanhamento é composto por militantes operários de todas as tendências:

Innocent Assogba (Benim)
Alan Benjamin (Estados Unidos)
Colia Clarke (Estados Unidos)
Constantin Cretan (Roménia)
Berthony Dupont (Haiti)
Ney Ferreira (Brasil)
Daniel Gluckstein (França)
Rubina Jamil (Paquistão)
Apo Leung (China)
Gloria Gracida (México)
M. A. Patil (Índia)
Mandlenkosi Phangwa (Azânia)
Klaus Schüller (Alemanha)
Jung Sikhwa (Coreia)
John Sweeney (Grã-Bretanha)
Mark Vassilev (Rússia)
Nambiath Vasudevan (Índia)

(*) Afeganistão, Azânia, Alemanha, Argentina, Áustria, Bangladesh, Bélgica, Benim, Bielorrússia, Brasil, Burundi, Canadá, Chile, China, Coreia, Costa do Marfim, Equador, Estados Unidos, Filipinas, França, Grã-Bretanha, Grécia, Haiti, Hungria, Índia, Irlanda, Islândia, Itália, Mali, México, Paquistão, Peru, Portugal, República Checa, Roménia, Ruanda, Rússia, Senegal, Suécia, Suíça, Togo, Tunísia, Turquia, Ucrânia, Venezuela, Zimbábue.

O 1º de Maio no Mundo: A campanha internacional contra a guerra ganha forma

No 1º de Maio de 2022, houve concentrações de trabalhadores e das suas organizações em muitos países de todo o mundo. Este ano, todavia, com muitas exceções. Em muitos países, a guerra, a repressão e restrições impostas pela pandemia da Covid-19 impediram os trabalhadores de se juntarem. Noutros países, em que, pelo contrário, os trabalhadores estão na ofensiva, como o Sri Lanka (*fotografia acima*), as concentrações do 1º de Maio convocadas pelas organizações operárias foram, em muitos casos, absolutamente massivas.



Onde houve iniciativas sindicais e políticas, as reivindicações reflectiram frequentemente a rejeição da guerra. Os militantes que participaram no encontro internacional de urgência contra a guerra de 3 de Abril, de que saiu um apelo assinado por militantes operários de 50 países, traduzido depois numa vintena de línguas, estiveram nas manifestações e cortejos e ali divulgaram e propuseram o apelo à assinatura.

O apelo, intitulado “*Trabalhadores do mundo inteiro, povos oprimidos, unamo-nos contra a guerra e a exploração*” teve amplo eco. Nele se declara: “*As guerras em curso, a destruição e a barbárie que elas abatem sobre trabalhadores e povos são fruto do sistema capitalista assente na propriedade privada dos meios de produção, da sua decomposição. (...) A guerra lançada por ordem do presidente Putin na Ucrânia em 24 de Fevereiro de 2022 não escapa à regra. Nada pode justificar tal intervenção. (...) No entanto, não podemos ignorar que as grandes potências capitalistas – e, à cabeça, a administração norte-americana de Biden, a União Europeia e os países capitalistas que a compõem, tudo ontem fizeram para provocar o conflito e tudo hoje fazem para atizá-lo. (...) Rejeitemos todas as formas de união nacional com os governos fautores de guerra, com as multinacionais e os capitalistas que provocam as guerras. A única união que interessa à causa da paz e da justiça social é a união dos trabalhadores e dos povos do mundo inteiro.*”

Neste boletim, apresentamos um sumário da campanha internacional contra a guerra nas manifestações do 1º de Maio, baseado em correspondências recebidas do Afeganistão, da África do Sul, da Argélia, do Bangladesh, da Bélgica, do Benim, do Burundi, do Canadá, da China (e, nomeadamente, de Hong Kong), do Estado espanhol, dos Estados Unidos, de França, da Grã-Bretanha, da Hungria, do México, da Moldávia, da Palestina, do Peru, de Portugal, da Rússia, do Ruanda, da Suíça e da Turquia.

Esta actividade comum, que junta no mesmo combate, por todo o mundo, trabalhadores, jovens e militantes operários de todas as tendências, anima-nos a tudo fazer para que a conferência mundial contra a guerra e a exploração, pela Internacional Operária (Paris, 29 e 30 de Outubro de 2022), assim como a conferência internacional das mulheres trabalhadoras, que a inaugura, sejam bem sucedidas.

Grã-Bretanha

Em Londres, a manifestação foi organizada pela união local dos sindicatos (*trade unions*) da Grande Londres e pelas organizações sindicais regionais dos sindicatos UNITE, CWU, PCS, RMT, ASLEF, GMB, UNISON, FBU, etc., e por várias organizações de trabalhadores imigrantes e organizações políticas. Na concentração convocada frente à Memorial Marx Library, recolheram-se assinaturas de sindicalistas e estudantes para o apelo do encontro internacional de urgência.

Hungria

O apelo do encontro de urgência foi geralmente bem recebido, provocando discussões: alguns membros do partido da Esquerda Europeia recusaram-se a reconhecer a responsabilidade de Putin, mas a maioria concordou. Na “esquerda”, há pontos de vista divididos: há quem apoie Putin, há quem apoie a NATO... No 1º de Maio numa cidade de província, um grupo de quinze militantes de uma associação cigana, vindos de cinco concelhos, manifestaram o seu acordo e assinaram o apelo “Não queremos guerra, queremos paz a todo o custo”. Não pararemos de lutar para pôr termo a esta guerra.

Bangladeche

Evocando “*os mártires de Chicago, caídos pela jornada de oito horas*”, os militantes do Partido Democrático dos Trabalhadores do Bangladeche, signatários do apelo do encontro de urgência contra a guerra, lembraram a actualidade do combate pela redução do horário de trabalho: “*Mandamo-vos esta fotografia, que mostra idosos obrigados a trabalhar no nosso país por não haver sistema de aposentação.*”

Afeganistão

Sob o jugo do terror talibã, os trabalhadores não têm, evidentemente, direito a concentrarem-se nem manifestarem-se, seja no 1º de Maio seja noutro dia qualquer do ano. Apesar das terríveis condições, os militantes da Esquerda Radical do Afeganistão (LRA) informaram-nos de que, por ocasião do dia internacional do trabalhador, o apelo do encontro internacional de urgência contra a guerra foi traduzido para dari (o dialecto persa falado no Afeganistão), tendo circulado largamente não só no Afeganistão, mas também no Irão. O apelo teve o apoio e a aprovação de dezenas de trabalhadores, jovens e militantes. Por causa da repressão do regime dos talibãs, “*trabalhadores, jovens, mulheres e militantes celebraram o 1º de Maio em pequenos grupos por todo o país. Nessas reuniões clandestinas, os trabalhadores exprimiram condolências às famílias dos sete menores abatidos na semana passada na província de Samangân (Norte do Afeganistão). Neste dia 1 de Maio de 2022, as palavras de ordem, no Afeganistão, foram: “Não à guerra e às intervenções imperialistas!” e “Trabalho, pão e liberdade para todos os trabalhadores.”*”

Benim

“*A celebração do 1º de Maio de 2022 fez-se sob o signo já da defesa das reivindicações dos trabalhadores, já da rejeição da guerra e da exploração*”, indica o nosso correspondente. *Organizaram-se muitas manifestações, seguindo-se um comício na Bolsa do Trabalho de Cotonou, o encontro de professores em Porto Novo e a jornada de reflexão entre agentes de saúde em Cotonou. Além das reivindicações dos trabalhadores ligadas à carestia e do encontro de 26 de Abril entre as confederações sindicais e o Presidente da República, também a questão da guerra ocupou o centro das reflexões e intercâmbios, à volta do apelo do encontro internacional de urgência. Tanto mais que a guerra russo-ucraniana é usada pelo governo. No dia 26 de Abril, o governo disse claramente aos representantes dos trabalhadores que não estava em condições de revalorizar os salários, considerando “os efeitos negativos da guerra na Ucrânia”, e diferindo tal eventualidade para Novembro de 2022. Às exigências de “retirada das tropas russas da Ucrânia” e de “dissolução da NATO” acrescentaram-se as de “rejeição do destacamento e instalação no Benim das tropas de ocupação francesas expulsas do Mali”. Recolheram-se, no total, 69 novas assinaturas de trabalhadores e militantes.*”

Argélia

Tal como noutros países do Magrebe e do Maxereque, não houve concentrações neste 1º de Maio (pois a festa do *aid*, que assinala o fim do ramadão, coincidiu nesse dia). Ainda assim, trinta e cinco novos militantes, trabalhadores e jovens associaram-se ao apelo do encontro internacional, entre eles Amel Hadjadj, militante feminista e editora do *Journal féminin algérien*; Hamid Bouhbib, militante operário e ex-membro da direcção do Partido Socialista dos Trabalhadores (PST); Adel Abderazak, militante operário, professor universitário, cofundador do PST e Karim Bouadjaoui, ex-deputado do Partido dos Trabalhadores (PT) e presidente do Comité de Solidariedade com os Trabalhadores.

África do Sul/Azânia

Na concentração da Federação dos Sindicatos da África do Sul (SAFTU) na província de Gauteng, recolheram-se assinaturas para o apelo do encontro de urgência. Na província mineira do Noroeste (Rustenburg), o Presidente da República, Cyril Ramaphosa, estava para tomar a palavra no comício da central sindical COSATU, parceira do ANC e do Partido Comunista na coligação governamental. Só que Ramaphosa teve que ser evacuado pelas forças de segurança quando várias

centenas de mineiros invadiram, primeiro, o relvado e depois a tribuna, apupando o Presidente da República. Os mineiros consideram Ramaphosa cúmplice dos seus empregadores, os patrões da companhia mineira Sibanye-Stillwater (ouro e platina), que negam aos seus sindicatos, a NUM e a AMCU, a satisfação da reivindicação de aumento de mil rands. Recorde-se que, em Agosto de 2012, a repressão da greve dos mineiros de Marikana (em Rustenburg) fizera trinta e quatro mortos entre os grevistas, assassinados pela polícia depois da intervenção desta, a pedido de um certo... Cyril Ramaphosa, então accionista duma das companhias mineiras.

Bélgica

Em Bruxelas, o 1º de Maio da Federação Geral dos Trabalhadores da Bélgica (FGTB) foi, segundo relato dos nossos correspondentes, ensejo para os respectivos dirigentes manifestarem a sua “*desilusão*” com os ministros do Partido Socialista, que se sentam no governo ao lado dos partidos de direita e lhes enviarem um apelo a que se “*redimissem*”, o que souou muito pouco convincente aos ouvidos dos trabalhadores e militantes sindicais presentes. “*O apelo do nosso encontro de urgência contra a guerra foi difundido massivamente em versão bilingue francesa/neerlandesa, tendo sido recolhidas 42 assinaturas de trabalhadores, sindicalistas e estudantes, regularmente interpelados e concordes com as palavras de ordem do apelo.*”

Portugal

Como o fizeram na manifestação popular de 25 de Abril (que comemora todos os anos a revolução portuguesa de Abril de 1974), marcada pela presença massiva da juventude, os militantes d’*O Trabalho* fizeram uma banca na manifestação do 1º de Maio (foto ao lado) para recolher assinaturas para o apelo do encontro internacional: “*Muitas discussões interessantes com militantes do PC, do PS e de outras organizações. Difundiram-se várias centenas de exemplares do apelo.*”



Estado espanhol

Em Bilbao (País Basco), relata a nossa correspondente, quer participassem no desfile do sindicato independentista LAB quer no desfile convocado pelas organizações ELA, UGT, CCOO, CNT, ESK, ESTE-EILAS, “*os trabalhadores manifestaram as suas reivindicações de defesa dos postos e condições de trabalho, pelo aumento de salários e pensões, pela defesa da saúde pública, contra as desigualdades salariais entre homens e mulheres e pela revogação das contra-reformas do trabalho e das aposentações*”, reivindicações que o governo de esquerda (em que têm assento os partidos socialista e comunista, bem como o Podemos) se recusa a satisfazer. No desfile sindical, trabalhadores e militantes assinaram o apelo do encontro de urgência.

França

Este ano, o 1º de Maio calhou uma semana depois da reeleição de Macron.

Não obstante, realizaram-se manifestações consideráveis em todas as cidades. As bandeirolas e cartazes sindicais assinalavam como os trabalhadores e jovens procuram maneira de exprimir a sua determinação de combater pelas suas reivindicações. Em primeiro lugar, a reivindicação de recusar atrasar a idade da aposentação. Mas também a de aumento dos salários e pensões e de congelamento dos preços...

Nesta “jornada de solidariedade internacional dos trabalhadores”, muitos foram os trabalhadores e jovens que deram largas à sua indignação pelo aumento do orçamento militar quando a satisfação das reivindicações é recusada do mesmo passo.



Os militantes do Partido Operário Independente Democrático participaram nos cortejos de 54 cidades (*fotografia: Marselha*), dando a conhecer e propondo a assinatura do apelo. Este suscitou adesão entre sindicalistas, trabalhadores e jovens: 1961 assinaram. 821 trabalhadores, militantes e jovens compraram o jornal *La Tribune des travailleurs*.

Turquia

Segundo relata a nossa correspondente, “dezenas de milhares de trabalhadores desfilarão em cortejo no bairro de Maltepe, em Istambul. O Partido Próprio do Operário (IKEP) participou na manifestação de Maltepe no quadro do cortejo animado pela Frente Unida dos Trabalhadores (BIZ), que há meses faz campanha por um governo dos trabalhadores e por medidas de urgência a favor dos trabalhadores. A Frente Unida

dos Trabalhadores organizou uma tribuna em que puderam tomar a palavra trabalhadores e trabalhadoras de diferentes sectores onde se desenrolam combates pelas reivindicações.” O IKEP publicou nesta ocasião um número especial do 1º de Maio do seu jornal, nele reproduzindo o apelo do encontro internacional de urgência.

China e Hong Kong

Na China continental, militantes e grupos deram a conhecer o seu acordo com o apelo do encontro de urgência. Alguns puseram uma versão chinesa a circular nas redes sociais, outros referiram que seria “posta a circular uma versão impressa”. Em Hong Kong, refere um correspondente, “tal como no resto da China, a repressão (lei de segurança nacional) e as restrições relacionadas com uma nova vaga de infecções pela Covid-19 não permitiram fazer nenhuma concentração pública de massas: estavam proibidas aglomerações de mais de quatro pessoas. No entanto, várias organizações sindicais fizeram um piquete em frente à sede do governo (o sindicato da limpeza, a associação de mulheres trabalhadoras, etc.), reivindicando, nomeadamente, um sistema de seguro de desemprego – inexistente em Hong Kong – e melhor protecção dos trabalhadores.”



Moldávia

Da Moldávia, pequena república situada entre a Ucrânia e a Roménia, onde recentemente se deram choques que ameaçam lá fazer chegar a guerra, os militantes da organização Resistência Popular saúdam os trabalhadores de todo o mundo por ocasião do dia internacional dos trabalhadores contra a exploração “e, sobretudo contra a guerra”, como vinkam. O panfleto distribuído exprime “solidariedade com os trabalhadores da Ucrânia e da Rússia, vítimas de uma guerra fratricida, condenando as classes dirigentes desses países e os imperialistas dos Estados Unidos e da União Europeia, cujas políticas deram origem a este banho de sangue.”

Rússia

Na Rússia, a vaga de repressão vivida desde o início da invasão da Ucrânia proibiu os trabalhadores de manifestarem as suas aspirações à paz e pelas suas reivindicações. As únicas concentrações que se realizaram, convocadas pelo Partido “Comunista” ou por sindicatos integrados no Estado, limitaram-se a repetir a propaganda chauvinista e patriótica do regime de Putin.

Um dos nossos correspondentes informa: *“Na véspera do 1º de Maio, o sindicalista Kirill Ukraintsev foi detido. Por ocasião do Dia internacional dos Trabalhadores, cidadãos que quiseram manifestar o seu apoio a Kirill e solidariedade com o seu sindicato produziram esta pinchagem. O regime provou que esmagaria toda e qualquer tentativa de luta pelos direitos económicos e políticos. Não permitirá a solidariedade dos trabalhadores, necessita meramente da sua submissão ao poder indiviso dos oligarcas. Força e determinação na luta da classe operária!”*

Palestina

Debaixo do título: *“O 1º de Maio dos trabalhadores palestinianos: sofrimento permanente, colonização, ocupação e apartheid”*, um militante de Gaza, signatário do apelo do encontro internacional de urgência, recorda que é *“num contexto difícil, marcado, nomeadamente, pelo prosseguimento da ocupação, a manutenção da colonização e as atrozidades medidas de ocupação que os trabalhadores palestinianos comemoram, neste dia 1 de Maio de 2022, o dia mundial do trabalho.”*

Apesar disso, *“os trabalhadores persistem em labutar no coração do conflito. (...) São explorados através de discriminações raciais, os seus empregadores israelitas aproveitam-se do contexto para lhes recusar garantias. São mais mal pagos do que os trabalhadores israelitas. Sendo mínima a protecção de que dispõem, os trabalhadores palestinianos são obrigados a pagar as contribuições para a Segurança Social e as jóias da adesão ao sindicato dos trabalhadores israelitas, sem por isso terem representação.”*

Denunciando *“o silêncio da comunidade internacional oficial”*, saúda *“os sindicatos e os trabalhadores do mundo inteiro que comemoram este 1º de Maio de 2022 com bandeiras palestinianas e bandeirolas que salientam a coragem, a determinação e a resistência dos trabalhadores palestinianos.”*

México

Vários milhares de exemplares do apelo do encontro internacional de urgência foram difundidos nas concentrações do 1º de Maio de Mexicali e Tijuana (Baixa Califórnia), na praça do Zócalo da capital federal, México, assim como em Tuxla Gutierrez e San Cristobal (Estado de Chiapas), por militantes de todas as tendências que estão a preparar a conferência mundial contra a guerra e a exploração (sindicalistas do ensino e do petróleo, militantes políticos).

Estados Unidos

Embora as raízes do 1º de Maio remontem à história do movimento operário dos Estados Unidos, à repressão da greve de 1886 em Chicago, o dia tem há muito sido ignorado pelos dirigentes do movimento sindical americano. Não obstante, há já alguns anos que algumas organizações sindicais têm reatado com o 1º de Maio.

Na Califórnia, realizou-se uma manifestação em Los Angeles convocada pela Federação do Trabalho de Los Angeles (AFL-CIO). Em São Francisco, foi o Conselho do Trabalho (que aglutina o essencial das organizações sindicais daquela metrópole) que convocou a manifestação. Recolheram-se muitas assinaturas de militantes e responsáveis sindicais para o apelo do encontro de urgência.

Em Sacramento, um desfile juntou operários agrícolas filiados no sindicato *United Farm Workers of America* e no *Labor Council for Latin American Advancement*, a organização da central sindical AFL-CIO que defende os interesses dos trabalhadores oriundos da América Latina. Exigindo a regularização de todos os trabalhadores sem papéis, o cortejo dirigiu-se para a sede do Partido Democrático (o partido de Biden). *“Há vinte anos que ando pelos campos a apanhar os tomates que vocês comem”*, explica Gabriel, trabalhador imigrante que continua a não ter papéis. Tal como ele, Sochi, uma operária agrícola, sente-se revoltada pelos anos de promessas por cumprir do Partido Democrático: *“Estou aqui em minha casa. Sou eu que trabalho nos campos, não os grandes patrões que nos empregam. Mas sou eu, e não os patrões, quem pode ser expulso a todo o momento por não ter papéis!”* Uma militante que tomou a palavra a encerrar a concentração, representante do jornal operário *The Organizer*, concluiu: *“Aos dirigentes das nossas organizações sindicais que aprovaram os planos de guerra do presidente Biden e o aumento das despesas militares, dizemos: vocês não falam em nosso nome. Os sindicatos pertencem aos trabalhadores, e nós somos contra a guerra e a exploração! Ao Partido Democrático, frente à sede, onde estamos reunidos, dizemos: vocês nada têm a oferecer à classe trabalhadora e aos oprimidos a não ser mais exploração e repressão. Convido-vos, pois, a todos a assinarem o apelo (do encontro internacional de urgência) e a distribuírem-no amplamente. (...) Falemos a uma só voz: trabalhadores de todo o mundo, organizações de trabalhadores, povos oprimidos, unamo-nos contra a guerra e a exploração!”*

E ainda...

Na **Suíça**, militantes recolheram assinaturas para o apelo no desfile sindical de Genebra. No **Peru**, recolheram-se assinaturas apesar das restrições sanitárias que obstaram às iniciativas do 1º de Maio (o apelo foi publicado no jornal operário *El Organizador*). Recolheram-se igualmente novas assinaturas no **Canadá, Senegal, Ruanda e Burundi**, nomeadamente a assinatura de uma responsável da Associação das Mães Solteiras.